



UC/EPCE—2015

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Estudo da Expressividade Emocional na Família e a sua relação com a Ansiedade, Depressão e Stress - Famílias da Comunidade vs Famílias da Intervenção Precoce

Patrícia Clara Lopes Ferro (ferropcl3@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação,
Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação da Professora
Doutora Maria Teresa Mesquita Carvalho Sousa Machado

Estudo da Expressividade Emocional na Família e a sua relação com a Ansiedade, Depressão e Stress – Famílias da Comunidade vs Famílias da Intervenção Precoce

Resumo

A consideração do efeito da expressividade emocional na família tem ganho um interesse crescente, ainda que pouco evidente, devido aos seus efeitos nas dinâmicas familiares e no desenvolvimento socio emocional dos sujeitos que a constituem. A presente investigação pretende averiguar eventuais diferenças entre famílias da comunidade e famílias da intervenção precoce relativamente à expressividade emocional na família. Foi estudada a relação entre a expressividade emocional na família e a ansiedade, depressão e stress. Neste sentido, foram utilizadas as escalas SEFQ (Self-Expressiveness in the Family Questionnaire) e EADS-21 (Escala de ansiedade, depressão e stress de 21 itens), respondidas por uma amostra de 57 sujeitos, dos quais 38.6% pertencem a famílias que usufruem de apoio por parte da intervenção precoce e 61.4% dizem respeito a indivíduos de famílias da comunidade. Os resultados obtidos indicam que não é possível afirmar que existam diferenças estatisticamente significativas entre a amostra de famílias da comunidade e famílias da intervenção precoce. A amostra correspondente às famílias apoiadas pelos serviços de intervenção precoce apresentou uma relação com a ansiedade e depressão, o que era expectável. A ansiedade, depressão e stress, tal como esperado, possui influência na expressividade emocional negativa e positiva, de forma oposta. É possível afirmar, através deste estudo, que a ansiedade, depressão e stress têm um papel efetivo na expressão emocional que os sujeitos transmitem em contexto familiar. Mais especificamente, as famílias que usufruem dos serviços de intervenção precoce são influenciadas na forma como expressam as suas emoções na família pelos fatores ansiedade e depressão, mas não pelo stress.

Palavras-chave: Expressividade emocional na família, ansiedade, depressão e stress.

Family Emotion Expressiveness: Family Emotion Expressiveness and its relation with Anxiety, Depression and Stress with Community Families vs Early Intervention Families

Abstract

The consideration of the effect of family emotion expressiveness has increasingly conquered interest, although with little evident, due to family's dynamic effects and its individuals socioemotional development that constitute it. This present research intends to ascertain the existing differences between community families and early intervention families relatively to family

emotion expressiveness. In particular it would be studied the relation between family emotion expressiveness and anxiety, depression and stress. In this sense, were used SEFQ (Self-Expressiveness in the Family Questionnaire) and EADS-21 (Depression Anxiety Stress Scale of 21 items), answered by a sample of 57 subjects, from which 38.6% belong to families that have support from early intervention services and 61.4% are subjects of community families. The results indicate that there is no statistically significance between community families sample and early intervention families. The correspondent sample to early intervention families presented, like it was expected, a relation with anxiety, and depression. Anxiety, depression and stress, like is hoped for, have influence in negative and positive emotion expressiveness, in opposite ways. It is possible to claim, through this study, that anxiety, depression and stress have an effective role in emotional expression that subjects convey in family context. More specifically, families that have early intervention services are influenced in how they express their emotions by anxiety and depression factors, but not by stress.

Key Words: Family emotion expressiveness, anxiety, depression, stress.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, ao meu pai, por ter sido um lutador incansável e um exemplo impressionante de persistência e determinação, lições que ainda hoje guardo comigo. As recordações e o amor perdurarão para o resto da minha vida.

À minha mãe, que possibilitou a concretização do meu sonho e que é, sem dúvida, o meu maior pilar.

À minha irmã, pela preocupação e pelo incentivo, porque apesar de estar longe está sempre presente.

À Joana e ao Ricardo, que têm um lugarzinho muito especial no meu coração.

Ao Alexandre, pelo amor e carinho e pelas palavras certas nos momentos que mais precisei.

À Paula, porque apesar de não ser minha irmã de sangue é, sem dúvida, minha irmã do coração.

À Joaquina, por ter tornado o meu percurso académico tão mais memorável com a sua presença. A amizade e carinho que nos une durará, com certeza, o resto da vida.

À Ana Rita, Mélisa, Eduarda e Patrícia, pela companhia constante e pela amizade. O que Coimbra une, nada separará.

A todos os meus amigos, por todos os momentos que partilhamos e pela amizade que estimo bastante. Gosto muito de vocês.

À Professora Teresa Machado, pelo acompanhamento constante e pelos ensinamentos.

À Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Coimbra, pelo privilégio que foi estudar e crescer numa instituição com ensino de qualidade.

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento Conceptual	2
II. Objetivos	8
III. Metodologia:	8
1. Amostra	8
2. Instrumentos	9
2.1 <i>Self-Expressiveness in the Family Questionnaire (SEFQ)</i>	9
2.2 <i>Eysenck Personality Questionnaire- Revised (EPQ-R)</i>	10
2.3 <i>Escala de Ansiedade, Depressão e Stress (EADS-21)</i>	10
2.4 <i>Escala de Satisfação com a Vida (SWLS)</i>	11
3. Procedimento	11
IV. Resultados	11
V. Discussão	16
VI. Conclusão	18
Referências Bibliográficas	19

Introdução

O contexto familiar é o local preferencial de expressões emocionais, sendo inclusive o contexto onde as emoções podem ser disseminadas com maior facilidade (Halberstadt & Eaton, 2002). A família é como um laboratório emocional onde as crianças experimentam e partilham as emoções (Coll, Marchesi, & Palacios, 2004).

As experiências emocionais na família influenciam o modo como as crianças expressam as suas emoções e como interpretam as experiências e expressões emocionais dos outros (Halberstadt & Eaton, 2002). A demonstração de emoções positivas e negativas dirigidas a familiares reflete-se no clima emocional, afetando a reatividade emocional das crianças e a qualidade e segurança das suas relações (Eisenberg, et al., 2003). A expressividade na família está relacionada com a emocionalidade dos sujeitos, a competência social, as relações intrafamiliares, a autoestima, o ajustamento pessoal, a realização académica e a compreensão das emoções (Halberstadt & Eaton, 2002).

As crenças dos pais acerca das emoções e o seu comportamento de expressão emocional trabalham em conjunto para auxiliar a criança no desenvolvimento da visão acerca de si própria e do mundo. Os estilos parentais de expressão emocional podem facilitar o desenvolvimento das expectativas gerais da criança acerca das suas emoções e das emoções de quem as rodeia (Dunsmore & Halberstadt, 2005). O conhecimento das próprias emoções é essencial para lidar com as emoções positivas e negativas de forma equilibrada, proporcionando relações interpessoais adequadas (Andrade, Santos, & Vasconcelos).

A socialização parental é um sistema multidimensional e vasto (Palmeira, Gouveia, Dinis, Lourenço, & Veloso, 2010) no qual as crianças adquirem a aprendizagem das regras de expressão que ditam quando, como, e com que intensidade devem expressar emoções; um tipo de educação emocional muito ligada aos valores da cultura ou subcultura em que a família vive (Coll, Marchesi, & Palacios, 2004). O significado das experiências diárias, guiadas pela expressão verbal e não-verbal dos pais, é há muito concetualizada como importante no desenvolvimento das visões das crianças acerca de si próprios (Dunsmore & Halberstadt, 2005).

Os pais, como agentes socializantes das emoções, podem condicionar o desenvolvimento emocional saudável da criança através de expressões emocionais condicionadas pela sua psicopatologia. A ansiedade, depressão e stress são fatores que condicionam a expressividade emocional dando maior preponderância à sua manifestação negativa (Farach & Mennin, 2007).

I - Enquadramento conceptual

As emoções são processos bidirecionais de estabelecimento, manutenção e/ou desregulação de relações significativas entre organismos e o ambiente (interno ou externo) (Oatley, Keltner, & Jenkins, 2006). As emoções motivam e guiam o funcionamento humano (Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007) sendo que envolvem a interação simultânea de vários componentes que servem para regular as ações no sistema de ação individual, em linha com os motivos e preocupações pessoais (Markowitsch, 2009). A principal função ou valor adaptativo do comportamento emocional inclui, não só a preparação para a ação, mas também a comunicação de um membro da espécie para outro (Barlow, 2002). Através de da postura, gestos, vocalizações e expressões faciais as nossas experiências privadas tornam-se expressões publicas, tornando assim as expressões emocionais em mensagens que comunicam os nossos sentimentos para com os outros (Reeve, 2005).

Entre os 0 e os 12 meses de idade, o desenvolvimento emocional processa-se através das interações com os outros, tendo o seu início na compreensão da dinâmica entre as emoções e os comportamentos através das expressões transmitidas pelos sujeitos com quem partilham a sua vida diária (Saarni, 1999). Entre o segundo e o terceiro ano de vida, tendo em conta o aparecimento da linguagem e do jogo simbólico, torna-se visível uma progressão na compreensão das emoções por parte das crianças (Coll, Marchesi, & Palacios, 2004).

Deste modo, entre os 2 e os 5 anos de idade, o desenvolvimento emocional decorre de forma célere devido ao aumento exponencial do nível de sociabilidade, existindo maior compreensão emocional interpessoal (Izard, Fine, Mostow, Trentacosta, & Campbell, 2002).

O temperamento e a personalidade das crianças, assim como a demonstração de afeto e a regulação do mesmo, são considerados fatores importantes para compreensão do nível de ajustamento, eficácia das relações interpessoais e ajustamento socio emocional nos primeiros anos de vida (Calkins & Fox, 1992).

Nos anos iniciais da vida de uma criança, os pais são os principais responsáveis pela sua regulação emocional. A regulação emocional é definida, por Gross e colaboradores (2006), como necessária na regulação dos afetos, o que envolve inevitavelmente alterações em alguns componentes da interação entre o sujeito e o contexto (Palmeira, Gouveia, Dinis, Lourenço, & Veloso, 2010). Os componentes chave da regulação emocional integram três dimensões – emocional, cognitiva e comportamental (Denham, 1998).

A observação dos pais e da interação entre eles, assim como dos irmãos ou outros membros da família, resulta na formação do fundamento do discurso emocional e no desenvolvimento da regulação emocional (RE), visto que o contexto familiar tem um peso significativo no desenvolvimento da RE das crianças (Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson). O contexto social, salientando o familiar, é um traço inerente do desenvolvimento emocional com importância confirmada (Saarni, 1999). A própria história da família dos pais e as suas crenças acerca de emoções e expressão emocional afetam a

maneira como os pais interagem num nível emocional com as suas crianças (Denham, 1998).

A expressão de emoções por parte dos membros da família, tanto negativa como positiva, é um fator determinante no desenvolvimento da regulação emocional das crianças, assim como a estabilidade e previsibilidade do ambiente, as expectativas parentais e exigências de maturidade (Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007).

A socialização da regulação emocional processa-se através da observação/modelação, das práticas parentais e do clima emocional da família (Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007). As crianças aprendem que determinadas situações provocam emoções e, ao observarem o comportamento e reações dos outros, moldam a sua própria atuação em situações similares, utilizando assim o referenciamento social, ou seja, procuram nos outros indivíduos informação para agir em relação a um determinado evento ou estímulo ambiental.

Os pais são os principais promotores e impulsionadores do desenvolvimento das capacidades das crianças para regular a sua atenção, emoção, e comportamento que estão intimamente ligados com o contexto social das relações e com a autorregulação (Eisenberg, et al., 2003). Acalmar fisicamente a criança, alterar a própria expressão facial, modificar o contexto imediato e satisfazer as necessidades das crianças, são atuações utilizadas pelos pais para regular as emoções de crianças pequenas (Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson). A regulação emocional mais eficaz advém da validação emocional dos pais, através dos estímulos que promovem o reconhecimento e discernimento das emoções (Palmeira, Gouveia, Dinis, Lourenço, & Veloso, 2010).

Ao presenciarem as emoções das crianças, tomando assim consciência das mesmas, os pais têm a oportunidade de ensinar algo às crianças acerca das suas emoções ou de seguir um caminho negativo ao reprimi-las. A socialização parental das emoções da criança foi estudada por Gottman, Katz e Hooven (1996) resultando uma teoria inovadora baseada na filosofia de meta-emoção, que postula que as práticas parentais influenciam o desenvolvimento emocional da criança, sendo para isso necessária atenção às suas manifestações. A filosofia da meta-emoção relaciona-se com a inibição do afeto parental negativo e com a facilitação da parentalidade positiva (Gottman, Katz, & Hooven, 1996).

Segundo Halberstadt, existem três processos envolvidos na socialização das emoções: a modelação, o ensino e a contingência. A modelação diz respeito à forma como os agentes sociais educam acerca das emoções; o ensino baseia-se na forma como instruem os outros acerca das emoções e a contingência inclui-se no modo como os agentes sociais reagem ou se abstêm perante a demonstração alheia de emoções (Denham, 1998). O processo de socialização das expressões compreende a modelação implícita e o ensino explícito (Saarni, 1999). O conteúdo da socialização das expressões emocionais envolve normas, valores e crenças em relação às mesmas, que operam como guias que concernem o que se constitui como comportamento emocional socialmente aceite num contexto em particular (Ekamn, 1972;

Friedman & Miller-Herringer, 1991; Matsumoto, 1993; Hochschild, 1983 citado por Kennedy-Moore & Watson, 1999).

As crenças culturais têm um papel importante no comportamento da criança pela forma como os pais interagem com a mesma, existindo condições essenciais a ter em consideração, como as expectativas parentais, as crenças e objetivos, o contexto onde ocorrem os comportamentos e o contexto em que os pais se inserem (Halberstadt, 1998). A cultura influencia assim a forma como os pais se expressam com as crianças, a maneira como as emoções são compreendidas e manifestadas, e as reações que despoletam, assim como o clima emocional na família (Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson).

A expressão emocional não tem fim em si mesma, mas pode ser um meio para facilitar o *coping* adaptativo e promover o bem-estar (Kennedy-Moore & Watson, 1999). Mais especificamente, a expressividade emocional parental, por sua vez, é medida de duas maneiras: a) a expressão emocional negativa e positiva dos pais enquanto interagem com a criança, ou b) as tendências gerais dos pais para expressar emoções em interações na família (Halberstadt, Crisp, & Eaton, 1999). Quando os pais têm diferentes estilos de expressão emocional, a compreensão das emoções por parte das crianças pode ser mais demorada, mas pode tornar-se mais complexa (Halberstadt & Eaton, 2002).

As crianças que crescem em ambientes familiares escassos em expressão emocional desenvolvem as suas capacidades de percepção emocional em detrimento da sua expressão, emergindo assim competências mais significativas na compreensão das suas emoções. Por sua vez, crianças em que no contexto familiar abunda a expressão emocional desenvolvem maiores capacidades de expressão do que de percepção e compreensão das emoções. O reconhecimento e compreensão da expressividade emocional na família de forma não-verbal está, deste modo, implicitamente relacionado com contextos mais inibidos do ponto de vista expressivo, enquanto em famílias expressivas essa capacidade não é, de todo, uma prioridade, tendo em conta que o seu uso será escasso (Halberstadt, 1983).

A identificação e a regulação emocional, são resultado de um ambiente de expressividade emocional positiva que, sem dúvida, funciona como proteção significativa no contínuo do desenvolvimento emocional (Palmeira, Gouveia, Dinis, Lourenço, & Veloso, 2010). Os tipos de vinculação estabelecidos são preditores do desenvolvimento emocional das crianças que, para ser bem-sucedido e adaptativo, necessita que exista um equilíbrio que proporcione regulação e flexibilidade, para que as crianças se sintam apoiadas ao descobrirem estratégias para solucionar o problema ou para moldar seu estado interno de forma positiva (Coll, Marchesi, & Palacios, 2004).

A estabilidade emocional dos pais, assim como o seu afeto positivo e as suas práticas parentais positivas, resultam num fator determinante para o desenvolvimento futuro saudável das suas crianças – o suporte emocional (Canavarro, 1999). Para além disto, a afetividade positiva dos pais está associada a maior felicidade expressa pelas crianças e a menores expressões de raiva juntos dos pares (Denham, 1998), assim como a mais indicadores de comportamento pró-social, popularidade, entendimento acerca da expressão

emocional, percepção das emoções dos outros, melhor ajustamento e resiliência face ao *stress* (Eisenberg, et al., 2003).

Estudos revelam que as mães que possuem conhecimento acerca das suas próprias emoções têm tendência a prestar maior atenção às expressões emocionais das suas crianças, auxiliando-as no processo de regulação emocional, apresentando uma postura orientadora e capacitadora, e diminuindo assim reações negativas perante a expressão de emoções positivas por parte das crianças (Eisenberg, et al., 2003).

Pais que acreditam no valor das emoções, assumem que as crianças beneficiam da experiência e expressão de emoções positivas e negativas e que essas emoções promovem oportunidades para as crianças aprenderem e se desenvolverem. Por outro lado, pais que acreditam que as emoções são problemáticas e perigosas, quando sentidas de frequentemente ou intensamente, podem tentar camuflar ou esconder as suas próprias emoções numa tentativa de protegerem as crianças (Castro, Halberstadt, Lozada, & Craig, 2014). As figuras parentais que se sentem desconfortáveis a lidar com as próprias emoções têm tendência para censurar ou ignorar a expressão de emoções por parte dos outros (Denham, 1998)

As reações negativas ou a ausência de reações por parte dos pais em relação às expressões emocionais das crianças resultam em níveis inferiores de competência social, em contrapartida, uma postura mais condescendente e recetiva promove resultados mais positivos no âmbito do relacionamento social (Roberts, 1999). Quando as crianças demonstram incompetência social na relação com os pares, podem estar simplesmente a espelhar a comunicação emocional deficitária da sua família (Saarni, 1999).

Segundo Southam-Gerow e Kendall (1997), o papel da compreensão das experiências emocionais na psicopatologia tem relevância acentuada, uma vez que: a compreensão emocional por parte das crianças pode moderar a sua suscetibilidade para o funcionamento patológico; a percepção emocional pode mediar a sua propensão para problemas psicológicos, sendo que os défices em compreender a função têm percursos psicopatológicos; por fim, os défices na compreensão das emoções podem resultar de processos psicopatológicos (Saarni, 1999).

Crianças que são expostas direta ou indiretamente a expressões emocionais negativas estão em risco de desenvolver futuramente problemas relacionados com a sua sociabilidade e emocionalidade. Eisenberg e Fabes, em 1994, num estudo direcionado para crianças entre os 4 e os 6 anos, provaram que as reações parentais de minimização estavam ligadas a níveis elevados de afeto negativo da criança e a relatos maternos de baixo controlo de atenção (Eisenberg, et al., 2003).

Em 1999, Eisenberg e colaboradores, ao concretizarem uma investigação para avaliar a relação entre as reações parentais às emoções negativas da criança e o seu desenvolvimento social, chegaram à conclusão que existe uma influência recíproca entre pais e filhos no que diz respeito às reações negativas como influência da regulação emocional e da externalização de emoções negativas (Eisenberg, et al., 2003). Investigações evidenciam que, geralmente, níveis inferiores de competência social e níveis superiores de

desajustamento social, assim como aproximações emocionalmente desreguladas (Eisenberg, et al., 2003) estão interligados com reações parentais negativas a emoções como medo, raiva ou tristeza (Roberts & Staryer, 1987).

A regulação emocional nas crianças, assim como os seus esforços para apresentar condutas mais positivas, pode ser afetada por crenças negativas dos sujeitos significativos que a rodeiam (Eisenberg et al., 2003). As crianças que apresentam níveis mais elevados de reatividade estão em risco de desenvolverem maiores dificuldades de regulação emocional quando vivem em contextos familiares negativos (Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007). Dificuldades desenvolvimentais têm tendência a estar relacionadas com a expressão parental negativa, mas as descobertas não são consistentes ao longo dos estudos (Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007).

Défices na regulação emocional podem comprometer relações sociais, mas também a saúde mental e física dos sujeitos (Mikolajczak, Nelis, Hansenne, & Quoitbach, 2008). Dificuldades relacionadas com a saúde mental, frequentemente, centram-se em padrões deficitários ou pouco usuais de expressividade, compreensão e regulação emocional. Quando as etapas desenvolvimentais da competência emocional não são promovidas de forma eficaz, as crianças estão em risco de psicopatologia, tanto no momento presente como futuramente (Denham, 1998).

A inexistência de um ambiente que possibilite a expressão emocional poderá fortalecer um comportamento de evitamento perante as emoções que levará à supressão emocional como estratégia reguladora das emoções (Palmeira, Gouveia, Dinis, Lourenço, & Veloso, 2010). Pais que punem ou reagem de forma negativa à exposição da emocionalidade das crianças incutem a não aproximação em vez da compreensão como estratégias válidas (Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007). Hoffman (1983, 2000) afirma que a expressividade parental hostil ou punitiva pode afetar a regulação e aprendizagem emocional através do excesso de ativação que provoca nas crianças (Hoffman, 2000).

Conjunturas que acarretam afetos negativos, com práticas parentais propensas a ampliar estas experiências emocionais e que não auxiliam as crianças, contribuem para o desenvolvimento de teorias de afetos desequilibradas, através das circunstâncias de socialização penalizadoras (Tomkins, 1962/1963 citado por Melo, 2005). Os problemas de ajustamento nas crianças estão maioritariamente relacionados com práticas parentais que desencorajam de forma exacerbada ou encorajam excessivamente manifestações emocionais negativas das crianças (Morris, Silk, Steinberg, Myers, & Robinson, 2007). Halberstadt e colegas (1999), referem que a relação entre expressividade negativa parental e o ajustamento das crianças pode apresentar variações, dependendo do tipo de expressividade familiar e da medida de ajustamento (Eisenberg et al., 2003).

Níveis elevados de afeto negativo concetualizam-se como tendo efeitos disruptivos e desorganizadores no comportamento e como parcialmente responsáveis por problemas e dificuldades comportamentais a longo-prazo. A transição de níveis elevados de afeto negativo disruptivo para graus mais

funcionais é melhor conseguido quando os pais permitem que a expressão de afeto negativo siga o seu curso (Roberts, 1999).

Apesar de a expressão negativa de emoções implicar geralmente aspetos negativos no desenvolvimento, a sua expressão, quando feita de forma equilibrada, proporciona oportunidades de conhecimento e identificação dessas mesmas emoções, diminuindo desta forma a propensão para a depressão (Halberstadt, 1998). Alguns investigadores defendem que as crianças se expostas de forma adequada a emoções negativas, poderão adquirir conhecimento em relação às emoções e à sua regulação (Eisenberg et al., 2003).

A expressividade familiar positiva tem robustas associações com a expressividade positiva das crianças, e a expressividade familiar negativa tem associações relacionadas com a idade e com a compreensão emocional das mesmas (Halberstadt & Eaton, 2002). O clima emocional das famílias, a forma como os pais expressam as suas emoções, tanto negativas e positivas, assim como o modo como lidam com as emoções das suas crianças, são determinantes para o desenvolvimento das competências emocionais das crianças (Halberstadt, 1983).

A satisfação com a vida, factor relacionado com as experiências emocionais, está intimamente ligado com o bem-estar percebido pelos sujeitos. O bem-estar subjetivo concebe o bem-estar como a felicidade e a procura de experiências de prazer e ou o equilíbrio entre afecto positivo e negativo (Diener et al, 1999). Diner (1985), refere que a satisfação com a vida está relacionada com julgamentos individuais que os sujeitos fazem acerca da sua qualidade de vida comparativamente ao que julgam ser um padrão ideal, não externamente imposto (Diener, 1985). A avaliação da satisfação com a vida é influenciada pelo bem-estar emocional dos sujeitos, tendo em conta que os eventos que ocorrem na vida afetam as emoções e o humor (Reeve, 2005).

Segundo Lovibond & Lovibond (1995), a ansiedade evidencia os vínculos entre os estados perseverantes de ansiedade e respostas intensas de medo. Por sua vez, a depressão é caracterizada pela perda de autoestima e de motivação, estando relacionada com a perceção de baixa possibilidade de atingir objetivos de vida que sejam significativos para o sujeito. O stress diz respeito a estados de excitação e tensão perseverantes, com baixo nível de resistência à frustração e desilusão (Lovibond & Lovibond, 1995).

A ansiedade tem elevada prevalência e cronicidade (Barlow, 2002) tendo também tendência a possuir continuidade na família. Crianças de pais ansiosos têm cinco vezes maior probabilidade do que crianças de pais sem ansiedade de desenvolverem distúrbios de ansiedade. Vários comportamentos parentais têm sido identificados na literatura como estando relacionados com ansiedade excessiva nas crianças, incluindo níveis elevados de criticismo e de controlo, e níveis baixos de afeto e concessão de autonomia (Budinger, Drazdowski, & Ginsburg, 2012).

Várias investigações indicam que a depressão parental pode ser um factor de risco, tanto a nível da saúde como a nível adaptacional, para as suas crianças (Billings & Moos, 1983), sendo que foram identificadas em estudos elevadas taxas de depressão entre filhos de pais depressivos, assim como

outras desordens e problemas relacionadas com ajustamento (Hammen, 1997). O afeto negativo pode representar um factor crucial de vulnerabilidade para o desenvolvimento de estados mais elaborados de ansiedade e depressão (Barlow, 2002).

Crianças que experienciam níveis elevados de stress podem tornar-se exageradamente excitadas e incapazes de seleccionar ou executar estratégias de *coping* eficazes e podem, por outro lado, expressar as suas emoções negativas de forma ineficiente, ou que não possibilita o suporte necessário. Em suma, as crianças que experienciam níveis mais elevados de emoção negativa podem utilizar estratégias de coping menos eficazes do que crianças que experienciam níveis mais moderados de excitação (Goodvin, Carlo, & Torquati, 2006).

II - Objetivos

A presente investigação tem como objetivo conhecer as diferenças e semelhanças na expressividade emocional na família, entre uma amostra de famílias da comunidade e de famílias que recebem o apoio dos serviços de intervenção precoce, tendo em conta a variável em estudo ansiedade, depressão e stress.

Tendo em conta o objetivo deste estudo, as hipóteses formuladas são as seguintes:

- a) É expectável que maiores índices de ansiedade, assim como das variáveis depressão e stress (EADS-21), se associem a maiores índices de expressividade negativa (SEFQ).
- b) É também previsto que a expressividade positiva (SEFQ) apresente uma relação fraca com as variáveis, depressão, ansiedade e stress (EADS-21).
- c) Pretende-se também observar que os níveis mais elevados de satisfação com a vida (SWLS) revelem também maior expressão de emoções positivas (SEFQ).
- d) É esperado que a expressividade emocional na família (SEFQ) não se correlacione com a desejabilidade social (EPQ-R).
- e) Por último, é previsto que não existam diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos apoiados pelos serviços de intervenção precoce na infância e os sujeitos que não usufruem desse apoio.

III. Metodologia

1. Amostra

Tendo em conta os objetivos propostos, conceptualizou-se um estudo que avaliasse uma amostra da população geral (famílias da comunidade) e uma amostra de uma população específica (famílias de intervenção precoce).

Foi definido como critério de inclusão a obrigatoriedade de o sujeito ser cuidador principal de uma criança até 6 anos de idade.

A amostra é constituída por 57 sujeitos entre os 23 e os 42 anos ($M=34.05$, $DP=5.11$) sendo que 96.4% ($N=54$) são do sexo feminino e os restantes 3.6% ($N=2$) do sexo masculino. Os sujeitos integram agregados familiares diversos, sendo que 44.6% ($N=25$) têm até 3 elementos e 55.4% ($N=31$) entre 4 a 7 elementos. Dos participantes neste estudo, 38.6% ($N=22$) pertencem a famílias que beneficiam de apoio por parte dos serviços de IP e 61.4% ($N=35$) dizem respeito a famílias da comunidade.

Dos cuidadores que responderam ao protocolo, 78.9% ($N=45$) são casados, seguindo-se os sujeitos em união de facto 10.5% ($N=6$), os solteiros 7% ($N=4$) e por último os divorciados 4% ($N=2$). No que concerne à residência 60% ($N=33$) vivem em contexto urbano e 40% ($N=22$) em contexto rural.

No que diz respeito à escolaridade, os sujeitos foram distribuídos em dois grupos. O primeiro grupo corresponde aos indivíduos que concluíram até 12 anos de escolaridade 56.4% ($N=31$) e o segundo grupo diz respeito à conclusão de mais de 12 anos de escolaridade 43.60% ($N=24$). Relativamente à situação laboral 82.5% ($N=47$) encontram-se empregados e os restantes 17.5% ($N=10$) desempregados.

Quadro 1.
Caraterísticas demográficas da amostra: idade, sexo, escolaridade, estado civil, parentesco, situação laboral, residência, agregado familiar.

		Total	
		<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade		34.05	5.11
		<i>N</i>	%
Escolaridade	Até 12 anos	31	56.40%
	Mais de 12 anos	24	43.60%
Estado Civil	Solteiro	4	7%
	Casado	45	78.9%
	União de facto	6	10.5%
Situação Laboral	Divorciado	2	4%
	Empregado	47	82.5%
Residência	Desempregado	10	17.5%
	Rural	22	40%
Agregado familiar	Urbana	33	60%
	De 1 a 3 elementos	25	44.6%
Intervenção Precoce	De 3 a 7 elementos	31	55.4%
	Sim	22	38.6%
	Não	35	61.4%

Nota: $N=57$

2. Instrumentos

2.1. *Self-Expressiveness in the Family Questionnaire (SEFQ;* Halberstadt, 1995; *SEFQ – 24 itens, versão portuguesa:* Fora & Machado, 2013)

O Self-Expressiveness in the Family Questionnaire (SEFQ) (Halberstadt, 1995) é uma medida de autorrelato que tem como objetivo medir a expressividade emocional dentro do contexto familiar.

A escala é constituída por 24 itens, que representam uma amplitude de emoções que são típicas de muitas famílias, sendo cotadas numa escala de 1 (“nada frequente na minha família”) a 9 pontos (“muito frequente na minha família”). Os sujeitos são instruídos a responder relativamente à frequência com que cada cenário emocional ocorre na sua família (Halberstadt, 1995).

2.2. *Eysenck Personality Questionnaire- Revised (EPQ-R, 100 itens; Questionário de Personalidade de Eysenck- Forma Revista; versão portuguesa, Almiro, & Simões, 2013)*

Este instrumento avalia as principais dimensões da personalidade, através de resposta dicotómica (sim/não), tendo os seus 70 itens divididos em quatro escalas (Psicoticismo, Neuroticismo, Extroversão e Mentira).

Nesta investigação apenas a escala L (Mentira) foi utilizada. A escala L é uma medida de desejabilidade social, isto é, tem como objetivo avaliar a tendência de os sujeitos atribuírem a si próprios atitudes e comportamentos socialmente aceitáveis e para rejeitar aqueles que não apresentam valores socialmente aceitáveis (Almiro & Simões, 2013). Em situação de avaliação, os sujeitos podem apresentar comportamentos de dissimulação ou de defensividade, que podem ocorrer ou não de forma consciente, mas que constitui um fator a considerar no enviesamento das respostas e influenciar os resultados finais (Eysenck, 1975, 2008 citado por Almiro & Simões, 2013).

2.3. *Escala de Ansiedade, Depressão e Stress de 21 itens (EADS-21, Lovibond & Lovibond, 1995; Pais-Ribeiro, Honrado & Leal, 2004)*

A Escala de Ansiedade, Depressão e Stress de 21 itens (EADS-21, Lovibond & Lovibond, 1995; Pais-Ribeiro, Honrado & Leal, 2004) é uma forma abreviada da EADS-42. Os 21 itens da escala dividem-se de forma equivalente pelas três dimensões/subescalas: Ansiedade, Depressão e Stress. Os sujeitos respondem às afirmações numa escala tipo Likert de 4 pontos (0 – “não se aplicou nada a mim” a 3 – “aplicou-se a mim a maior parte das vezes”) tendo como referência temporal, na semana anterior. Cada item remete para sintomas emocionais de índole negativa através das suas afirmações. A consistência interna foi calculada com recurso ao Alfa de Cronbach, sendo que os resultados encontrados para a EADS-21 foram de .85 para a escala de depressão, de .74 para a de ansiedade e de .81 para a de stress, na versão portuguesa da escala.

Lovibond e Lovibond (1995) caracterizam as escalas do seguinte modo: a depressão principalmente pela perda de autoestima e de motivação, e está associada com a perceção de baixa probabilidade de alcançar objetivos de vida que sejam significativos para o indivíduo enquanto pessoa. A ansiedade salienta as ligações entre os estados persistentes de ansiedade e respostas

intensas de medo. O stress sugere estados de excitação e tensão persistentes, com baixo nível de resistência à frustração e desilusão (Pais-Ribeiro, Honrado, & Leal, 2004)

2.4. *Escala de Satisfação com a Vida (SWLS; Diener et al., 1985, Neto, 2003 vs. Netos, Barros & Barros, 1990 vs. Simões, 1992)*

A Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) avalia a percepção de satisfação com a vida em sujeitos adultos. O julgamento de quão satisfeitas são as pessoas com o seu estado atual é baseado numa comparação com um padrão que cada indivíduo estipula para si mesmo, não é externamente imposto.

A SWLS é um instrumento de autorresposta, composto por cinco itens, sendo que a escala de resposta é tipo Likert com 7 itens, desde 1 – “Totalmente em desacordo” até 7 – “Totalmente de acordo”. A amplitude dos resultados vai desde um mínimo de 7 (baixa satisfação) e um máximo de 35 (grande satisfação), sendo que quanto maior o resultado maior a satisfação com a vida. Neto, Barros e Barros (1990) validaram a SWLS para amostra portuguesa, obtendo na consistência interna um alfa de .78 e extraíndo um fator que explicou 53.1% da variância (Diener, Emmons, Larsen, & Griffin, 1985) (Albuquerque & Lima, 2007).

3. Procedimento

A análise estatística dos dados realizou-se com recurso ao *software* SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 22. Para proceder à análise dos dados recolhidos efetuaram-se correlações, correlações parciais e regressões lineares. O procedimento estatístico de correlação determina o grau de associação entre variáveis (Pereira, 2008). Por sua vez, a regressão linear define um conjunto abrangente de técnicas estatísticas utilizadas para modelar relações entre variáveis e predizer o valor de uma dependente através de um conjunto de variáveis independentes ou preditoras (Marôco, 2011).

Previamente à execução dos procedimentos acima referidos, foi testada a normalidade das variáveis que compõe a investigação de forma a determinar o tipo de análise possível. Após testar as variáveis a hipótese de realizar ANOVAS não foi tida em conta devido à ausência de normalidade.

IV - Resultados

Efetuaram-se correlações e regressões com o intuito de perceber se existiam associações entre variáveis em estudo e qual a sua relação. Os resultados são apresentados de seguida.

No Quadro 2 apresentam-se as correlações mais significativas obtidas entre as variáveis sociodemográficas e as variáveis das diferentes escalas aplicadas às amostras.

Como é possível observar através da análise do quadro, todas as correlações obtidas através das variáveis sociodemográficas são baixas. As

correlações entre idade e as variáveis ansiedade, depressão e stress revelaram-se pouco significativas, sendo que a ansiedade apresentou a correlação mais significativa entre as variáveis. A idade tem uma correlação negativa baixa (-.17) com a ansiedade. A idade foi também correlacionada com a expressividade emocional negativa e positiva, apresentando uma correlação negativa baixa (-.12) e um correlação insignificante (-.08), por essa ordem.

O estado civil, uma das variáveis sociodemográficas, revelou a existência de correlações nulas com a ansiedade, depressão e stress e a expressividade emocional negativa.

O agregado familiar, que varia na amostra entre 1 a 7 elementos, apresentou correlações baixas com a ansiedade e depressão e uma correlação quase nula com o stress. A expressividade positiva tem uma correlação negativa baixa (-.19) com o agregado familiar e a satisfação com a vida possui também uma correlação negativa baixa (-.25).

A situação laboral correlacionada com a escala EADS-21 revelou um resultado insignificante. A situação laboral tem influência na expressividade emocional positiva apresentando uma correlação negativa baixa (-.24).

No que diz respeito à variável residência a totalidade da escala EADS-21 apresentou correlações negativas baixas., enquanto a correlação com a expressividade negativa é negativa baixa (-.26) e com a expressividade positiva é baixa (.25). Por último a correlação com a escala SWLS é baixa (.10).

Os anos de escolaridade apresentam uma correlação negativa baixa com a variável ansiedade e insignificante com a depressão e stress. Em relação à expressividade negativa não existe correlação, mas em contrapartida, a expressividade positiva apresenta uma correlação positiva (.24).

Relativamente à variável intervenção precoce a sua correlação com a ansiedade e a depressão é negativa baixa, por outro lado, a correlação com o stress é nula. A expressividade positiva e negativa apresentam uma correlação nula.

Quadro 2.

Correlações

		<i>Coefficiente de Correlação</i>	<i>N</i>
Idade	Ansiedade	-.174 ^a	54
	SEFQ Negativo	-.118 ^a	57
Estado Civil	SEFQ Positivo	-.104 ^a	57
	Satisfação de vida	.176 ^a	54
Agregado	SEFQ Positivo	.192 ^a	56
	Satisfação de Vida	-.254 ^a	53
Situação Laboral	SEFQ Positiva	-.236 ^a	57
	Residência		
Residência	Ansiedade	-.182 ^a	52
	Depressão	-.193 ^a	52
	Stress	-.137 ^a	52
	SEFQ Negativo	-.264 ^a	55
	SEFQ Positivo	.248 ^a	55
Anos escolaridade	Ansiedade	-.200 ^a	52
	SEFQ Positiva	.238 ^a	55
	Satisfação de Vida	.208 ^a	52
	IP		
IP	Ansiedade	-.211 ^a	54
	Depressão	-.138 ^a	53

Nota: ^acorrelação baixa

O Quadro 3 corresponde aos resultados mais significativos conseguidos através das correlações entre a escala EADS-21 e as restantes escalas EPQ-R, SEFQ e SWLS. Apenas a escala SEFQ e a escala SWLS obtiveram correlações expressivas de moderadas a altas.

A ansiedade, tal como esperado, apresentou uma correlação positiva alta (.52) estatisticamente significativas com a expressividade negativa e uma correlação insignificante com a expressividade positiva. No que diz respeito à satisfação com a vida a ansiedade obteve uma correlação negativa moderada (-.34).

A depressão, tal como a ansiedade, correlaciona-se positivamente e de forma elevada com a expressividade negativa (.61) e insignificamente com a expressividade positiva, e de forma moderada e negativa (-.45) com a escala de satisfação com a vida.

A variável stress apresentou uma correlação moderada com a expressividade negativa (.46), uma correlação baixa com a expressividade positiva e uma correlação negativa moderada (-.33) com a escala SWLS.

Quadro 3.

Correlações

	<i>Coefficiente de Correlação</i>	<i>N</i>
Ansiedade		
SEFQ Negativa	.524 ^c	54
Satisfação de vida	-.338 ^b	53
Depressão		
SEFQ Negativa	.608 ^c	53
Satisfação de vida	-.446 ^b	50
Stress		
SEFQ Negativa	.455 ^b	54
Satisfação de vida	-.325 ^b	51

Nota: ^bcorrelação moderada; ^ccorrelação alta.

Nos Quadros 4 e 5 são apresentadas as correlações parciais obtidas através da correlação entre a escala de desejabilidade social do EPQ-R e as escalas SEFQ e EADS-21.

Ao efetuar uma correlação parcial entre a ansiedade, expressividade negativa e a escala de desejabilidade social é possível afirmar que 42% da variância é explicada pela desejabilidade social, por outro lado, a mesma correlação efetuada com a expressividade positiva permite afirmar que 5% da variância é explicada pela desejabilidade social.

As variáveis depressão e expressividade negativa correlacionadas com a escala L permitem afirmar que 54% da variância é explicada pela desejabilidade social, enquanto a mesma correlação com a expressividade positiva indica uma percentagem de 8% na explicação da variância pela desejabilidade social.

Uma correlação parcial entre o stress, a expressividade negativa e a escala L possibilita ter conhecimento de que 25% da variância é explicada pela desejabilidade social, enquanto a correlação com a expressividade positiva indica uma percentagem de 15% na explicação da variância pela

desejabilidade social.

Quadro 4.
Correlações Parciais

		Correlação			
		SEFQ_Negativo	EADS_Ansiedade	EADS_Depressão	EADS_Stress
EPQ_R_DesejabilidadeSocial	SEFQ_Negativo	-	.416	.543	.246
	EADS_Ansiedade	.416	-	.880	.541
	EADS_Depressão	.543	.880	-	.497
	EADS_Stress	.246	.541	.497	-

Quadro 5.
Correlações Parciais

		Correlação			
		SEFQ_Positivo	EADS_Ansiedade	EADS_Depressão	EADS_Stress
EPQ_R_DesejabilidadeSocial	SEFQ_Positivo	-	.059	-.080	.147
	EADS_Ansiedade	.059	-	.880	.541
	EADS_Depressão	-.080	.880	-	.497
	EADS_Stress	.147	.541	.497	-

O Quadro 6 corresponde à regressão linear efetuada entre a subescala de Ansiedade da EADS-21 e as subescalas expressividade negativa do SEFQ. No que diz respeito às regressões executadas, as variáveis ansiedade e expressividade emocional negativa apresentam a seguinte relação $F(1,52)=19.71$ ($p<.001$), indicando assim que a sua relação não resulta de um erro amostral. A variância do critério expressividade emocional negativa é explicada em 52% pela variável preditora ansiedade, sendo que é um contributo significativo de $t=4.44$, $p < .001$.

Quadro 6.
Regressão: Ansiedade & SEFQ_Negativo

	R	R ² ajustado			
Modelo1	.524 ^a	.261			
		df	F	Sig	
Regressão		1	19.714	.000 ^b	
Residual		52			
			B	Beta	Sig
(Constante)			2.429		.000
EADS_Ansiedade			.187	.524	.000

Por sua vez, o Quadro 7 apresenta a regressão entre a subescala Depressão e a subescala expressividade negativa. A relação entre depressão e expressividade emocional negativa [$F(1,51)=29.85$ ($p < .001$)], não resulta igualmente de um erro amostral. A variância do critério expressividade emocional negativa é explicada 61% pela variável preditora depressão, sendo que é um contributo significativo de $t=5.46$, $p < .001$.

Quadro 7.

Regressão: Depressão & SEFQ_Negativo

	R	R ² ajustado				
Modelo1	.608 ^a	.357				
			df	F	Sig	
Regressão			1	29.845	.000 ^b	
Residual			51			
				B	Beta	Sig
(Constante)				2.392		.000
EADS_Depressão				.216	.608	.000

O Quadro 8 diz respeito à regressão linear calculada entre a subescala de stress da EADS-21 e a subescala de expressividade negativa. No que diz respeito ao stress e à expressividade emocional negativa a sua relação é representada pela equação $F(1,52)=13.55$ ($p=.001$), o que indica que, da mesma forma que as duas relações anteriores, não resulta de um erro amostral. A variância do critério expressividade emocional negativa é explicada em 46% pela variável preditora depressão, sendo um contributo significativo de $t=3.68$, $p<.001$.

Quadro 8

Regressão: Stress & SEFQ_Negativo

	R	R ² ajustado				
Modelo1	.455 ^a	.191				
			df	F	Sig	
Regressão			1	13.550	.001 ^b	
Residual			52			
				B	Beta	Sig
(Constante)				2.275		.000
EADS_Stress				.133	.455	.001

Por último, o Quadro 9 corresponde à regressão linear executada entre a subescala de expressividade positiva do SEFQ e a escala L do EPQ-R. A sua relação é representada pela equação $F(1,52)=3.847$ ($p<.001$), o que aponta para o facto de a sua relação não resultar de um erro amostral. A variância do

critério expressividade emocional positiva é explicada em 26% pela variável preditora satisfação com a vida, tendo assim um contributo significativo de $t=1.96$, $p<.001$.

Quadro 9

Regressão: SWLS & SEFQ_Positivo

	R	R ² ajustado						
Modelo1	.262 ^a	.069						
			df	F	Sig			
Regressão			1	3.487	.055 ^b			
Residual			52					
						B	Beta	Sig
(Constante)						4.066		.005
SWLS						.100	.262	.055

V - Discussão

A presente investigação concetualizou-se como um contributo para o estudo da expressividade emocional na família e a sua relação com a ansiedade, depressão e stress. Neste sentido, pretendeu-se averiguar o efeito da ansiedade, depressão e stress na expressividade emocional positiva e negativa, assim como a relação entre a satisfação com a vida e a expressão de emoções positivas. Foi também estudada a influência da deseabilidade social na expressividade emocional na família e a hipótese de existirem diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos apoiados pelos serviços de intervenção precoce na infância e os sujeitos que não usufruem desse apoio.

Constatou-se que a ansiedade, depressão e stress, tal como esperado, têm influência estatisticamente significativa na expressividade negativa, o que vai de encontro às conclusões concebidas por Barlow (2002) que postulam que a ansiedade e sintomas relacionados com o humor partilham uma ligação de ordem superior com o afeto negativo e por Clark (1991) e Downey (1990) que referem que pais deprimidos são caracterizados por elevado afeto negativo ou expressividade emocional negativa incluindo hostilidade e irritabilidade (Barlow, 2002; Clark & Watson, 1991; Downey & Coyne, 1990). Estudos efetuados com cuidadores com depressão evidenciam que a sua expressão emocional é mais negativa, existindo clara escassez de emoções positivas nas suas representações não-verbais (Gruber & Keltner, 2007). Por sua vez, indivíduos com distúrbios de ansiedade demonstram maior dificuldade na gestão das emoções evidenciando, tal como na depressão, mais expressividade negativa (Farach & Mennin, 2007). A expressividade emocional positiva apresentou relações nulas com as variáveis ansiedade, depressão e stress. Saliento contudo que os estudos relacionados com psicopatologia parental e a sua influência no contexto familiar são maioritariamente direcionados para a figura materna em detrimento do papel

do pai, o que é, sem dúvida, uma limitação na investigação das emoções em contexto familiar. O stress, por sua vez, e a sua ligação à expressão emocional tem sido de facto mais estudada relativamente às suas repercussões na família, mais especificamente nas crianças, e não tanto na forma como é expresso através das emoções em contexto familiar.

Foi possível satisfazer a expectativa de que maiores índices de satisfação com a vida implicariam maiores níveis de expressividade emocional positiva e níveis inferiores de expressividade emocional negativa, indo assim de encontro aos moldes em que a avaliação da satisfação com a vida é feita, sendo assim influenciada pelo bem-estar emocional dos sujeitos, tendo em conta que os eventos que ocorrem na vida afetam as emoções e o humor (Reeve, 2005).

A expressão emocional na família revelou não possuir relação com a desejabilidade social, como expectável, o que indica que a variância registada ao nível da expressão emocional na família não tem influência do efeito de desejabilidade social.

A investigação possui algumas limitações no que diz respeito à amostra recolhida. A ausência de normalidade das variáveis não permite comparar as amostras, o que impossibilita a compreensão das semelhanças e diferenças entre as famílias da comunidade e as famílias apoiadas pela Intervenção Precoce. As características da amostra, por ser constituída maioritariamente por sujeitos do sexo feminino, impossibilitam a análise de relações de significâncias das variáveis sexo e grau de parentesco. Seria interessante perceber se existiriam diferenças estatisticamente significativas entre o sexo feminino e masculino e entre os diversos graus de parentesco numa família. A dimensão da amostra não é muito significativa, devido a dificuldades relativas à cooperação da população-alvo, principalmente da população respetiva à intervenção precoce, sendo que haveria mais-valias se a amostra fosse de dimensão superior.

Apesar das limitações existentes, este estudo permite perceber a influência que a psicopatologia (ansiedade, depressão e stress) tem na expressividade emocional na família, tanto negativa como positiva, e na satisfação de vida. A verificação destas relações permite compreender a importância que a ansiedade, depressão e stress tem na expressão emocional e na satisfação de vida possibilitando futuramente a construção de intervenções focadas de forma específica nestas vertentes.

Seria importante aprofundar algumas questões relacionadas com a expressividade emocional na família, tendo em conta que na atualidade os estudos existentes são escassos. Seria pertinente aferir se existiriam diferenças na expressão emocional dos cuidadores, antes e após o apoio dos serviços de intervenção precoce, tendo em conta que o trabalho em IP se foca não só na criança mas também na família. Perceber o impacto da ansiedade, depressão e stress dos cuidadores principais nas crianças, através da sua expressão emocional, seria também desejável, numa tentativa de entender a sua influência na psicopatologia infantil.

VI – Conclusão

Os resultados obtidos na presente investigação confirmam a importância que os fatores ansiedade, depressão e stress têm na expressividade emocional na família. O conhecimento da influência que a ansiedade, depressão e stress tem na expressividade emocional na família é importante tendo em conta que a família é o primeiro contexto de aprendizagem emocional. Compreender de que forma a psicopatologia, em particular a sintomatologia depressiva, ansiedade e stress (EADS-21) tem preponderância nas expressões emocionais dos principais cuidadores é determinante para entender o modo como as crianças recebem as primeiras instruções da expressão emocional, tanto positiva como negativa. A ansiedade, depressão e stress dos cuidadores deve ser tida em conta na medida em que as suas manifestações emocionais determinam em parte o desenvolvimento socio emocional das crianças, comprometendo-o.

Referências Bibliográficas

- Almiro, P. A. (2013). Adaptação, validação e aferição do EPQ-R para a população portuguesa : estudos nos contextos clínico, forense e na comunidade (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC), Coimbra, Portugal.
- Albuquerque, I., & Lima, M. P. (2007). Personalidade e bem-estar subjetivo: uma abordagem com os projectos pessoais. *www.psicologia.com.pt*.
- Almiro, P., & Simões, M. (2014). Questionário de Personalidade de Eysenck - Forma Revista (EPQ-R). Em L. Almeida, M. Simões, & M. Gonçalves (Edits.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica* (Vol. II). Edições Almedina.
- Andrade, F. C., Santos, C. S., & Vasconcelos, M. H. (s.d.). *Autocontrolo e expressividade emocional: Desenvolvendo habilidade de sentir e expressar-se*. Centro de Educação/Departamento de Fundamentação da Educação/PROBEX. Obtido de <http://www.prac.ufpb.br>.
- Barlow, D. H. (2002). *Anxiety and its disorders: the nature and treatment of anxiety and panic*. New York: The Guilford Press .
- Billings, A. G., & Moos, R. H. (1983). Comparisons of Children of Depressed and Nondepressed Parents: A Social-Environmental Perspective. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 11, 463-486.
- Budinger, M. C., Drazdowski, T. K., & Ginsburg, S. G. (2012). Anxiety-Promoting Parenting Behaviors: A Comparison of Anxious Parents with and without Social Anxiety Disorder. *Child Psychiatry*.
- Calkins, S., & Fox, N. (1992). The Relations Among Infant Temperament, Security of Attachment and Behavioral Inhibition at 24 Months. *Child Development*, 6, 1456-1472.
- Canavarro, M. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Castro, V. L., Halberstadt, A. G., Lozada, F. T., & Craig, A. B. (2014). Parent's Emotion-Related Beliefs, Behaviors, and Skills Predict Children's Recognition of Emotion. *Infant and Child Development*. doi: 10.1002/icd.1868.
- Clark, L. A., & Watson, D. (1991). Tripartite Model of Anxiety and Depression: Psychometric Evidence and Taxonomic Implications. *Journal of Abnormal Psychology*, 100, 316-336.
- Coll, C., Marchesi, Á., & Palacios, J. (2004). *Desenvolvimento Psicológico e Educação* (2 ed., Vol. 2). Porto Alegre: Artmed.
- Denham, S. A. (1998). *Emotional Development in Young Children*. New York: The Guilford Press.
- Diener, E., Emmons, A. R., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 71-75.
- Diener, E., Suh, E., Lucas, R., & Smith, H. (1999). Subjective Well-Being: Three Decades of Progress. *Psychological Bulletin*, 125, 276-302.
- Downey, G., & Coyne, J. (1990). Children of depressed parents: An integrative review. *Psychol Bull.*
- Dunsmore, J., & Halberstadt, A. (2005). Mothers' Typical and Event-Specific Positive Expressions Influence Children's Memory for Events. Em

- Social Development*. Main Street, Malden: Blackwell Publishing.
- Eisenberg, N., Valiente, C., Morris, S. A., Fabes, A. R., Cumberland, A., Reiser, M., . . . Losoya, S. (2003). Longitudinal Relations Among Parental Emotional Expressivity, Children's Regulation, and Quality of Socioemotional Functioning. *Developmental Psychology*, 39, 3-19. doi:10.1037/0012-1649.39.1.3.
- Farach, F., & Mennin, D. (2007). Emotion-Based Approaches to the Anxiety Disorders. Em J. Rottenberger, & S. Johnson (Ed.), *Emotion and Psychopathology* (2^a ed.) Washington: American Psychological Association .
- Goodvin, R., Carlo, G., & Torquati, J. (2006). *The Role of Child Emotional Responsiveness and Maternal Negative Emotion Expression in Children's Coping Strategy Use*. Lincoln: Blackwell Publishing.
- Gottman, J., Katz, L. F., & Hooven, C. (1996). Parental Meta-Emotion Philosophy and the Emotional Life of Families: Theoretical Models and Preliminary Data. *Journal of Family Psychology*, 10, 243-268.
- Halberstadt, Cassidy, Stifter, Parke, & Fox. (1995). Self-expressiveness within the family context: Psychometric support for a new measure. *Psychological Assessment*, 7, 93-103.
- Halberstadt. (1983). Family Expressiveness Styles and Nonverbal Communication Skills. *Journal of Nonverbal Behavior*, 8, 14-26.
- Halberstadt. (1986). Family socialization of emotional expression and nonverbal. *Journal of Personality and Social Psychology*, 51, 827-836.
- Halberstadt. (1998). Of Models and Mechanisms. *Psychological Inquiry: An International Journal for the Advancement of Psychological Theory*, 9, 290-294. doi:10.1207/s15327965pli0904_9.
- Halberstadt, A. G., & Eaton, K. L. (2002). A Meta-Analysis of Family Expressiveness and Children's Emotion Expressiveness and Understanding. *Marriage & Family Review*, 34, 35-62. doi:10.1300/J002v34n01_03.
- Halberstadt, A. G., Crisp, V. W., & Eaton, K. (1999). Family Expressiveness: A retrospective and new directions for research. *The social context of nonverbal behavior*, 109-155.
- Hammen, C. (1997). *Handbook of Children's Coping: Liking Theory and Intervention*. New York: Plenum Press.
- Hoffman, M. L. (2000). *Empathy and Moral Development: Implications for Caring and Justice*. Cambridge University Press.
- Izard, C., Fine, S., Mostow, A., Trentacosta, C., & Campbell, J. (2002). Emotion processes in normal and abnormal development and preventive intervention. *Development and Psychopathology*, 14, 761-787.
- Kennedy-Moore, E., & Watson, J. C. (1999). *Expressing Emotion*. New York: The Guilford Press.
- Lewis, M., & Haviland-Jones, J. M. (2000). *Handbook of Emotions* (2 ed.). Nova Iorque: The Guilford Press.
- Lovibond, P., & Lovibond, S. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the depression anxiety stress scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33, 335-343.
- Markowitsch, H. J. (2009). *Emotion as a Bio-cultural Processes*. Germany:

- Springer.
- Marôco, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. Pero Pinheiro: ReportNumber.
- Melo, A. I. (2005). Emoções no período escolar: estratégias parentais face à expressão emocional e sintomas de internalização e externalização da criança (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Minho.
- Mikolajczak, M., Nelis, D., Hansenne, M., & Quoitbach, J. (2008). If you can regulate sadness, you can probably regulate shame: Associations between trait-emotional intelligence, emotion regulation and coping efficiency across discrete emotions. *Personality and Individual Differences*, 44, 1356-1368.
- Morris, A. S., Silk, S. J., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, R. L. (2007). *The Role of the Family Context in the Development of Emotion Regulation*. Obtido de Saylor: <http://www.saylor.org/courses/psych305>.
- Oatley, K., Keltner, D., & Jenkins, J. M. (2006). *Understanding Emotions* (2^o ed.). Blackwell Publishing Ltd.
- Pais-Ribeiro, J., Honrado, A., & Leal, I. (2004). Contribuição para o estudo da adaptação portuguesa das escalas de ansiedade, depressão e stress (EADS) de 21 itens de Lovibond e Lovibond. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 5, 229-239.
- Palmeira, L., Gouveia, J. P., Dinis, A., Lourenço, S., & Veloso, M. (2010). O efeito mediador da regulação emocional na relação entre a expressividade emocional da família de origem e as reações maternas à expressão de emoções positivas das crianças. *Psychologica*, 2, 423-448.
- Pereira, A. (2008). *Guia Prático de Utilização do SPSS - Análise de dados para Ciências Sociais e Psicologia*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Reeve, J. (2005). *Understanding Motivation and Emotion*. John Wiley & Sons, Inc.
- Roberts. (1999). The Socialization of Emotional Expression: Relations with Prosocial Behavior and Competence in Five Sample. *Canadian Journal of Behavioral Science*, 31, 72-85.
- Roberts, W., & Stryker, J. (1987). Parent's responses to the emotional distress of their children: Relations with children's competence. *Developmental Psychology*, 23, 415-422.
- Saarni, C. (1999). *The Development of Emotional Competence*. New York: The Guilford Press.